

# TÜBINGEN, 40 GRAUS

Música brasileira põe Alemanha para ferver

TEXT: FELIPE TADEU, COM COLABORAÇÃO DE GISELA PIMENTEL



Coube a O Rappa substituir os manos do Cidade Negra, cumprindo a delicada tarefa de subir ao palco armado na Markt-platz – a Praça do Mercado local –, num sábado onde o pagode e a axé music dominavam o ambiente. Os produtores do Viva Afro-Brasil chegaram a cogitar uma semana antes da cantora Simone Moreno vir a ocupar a lacuna deixada pela formação de Toni Garrido, mas no final a preferência pendeu para o lado de O Rappa, ainda que a banda já estivesse escalada também para o dia seguinte.

Quem iniciou o Viva Afro-Brasil de 2002 foi o Papa-Léguas, que tinha à frente a inexpressiva cantora Flaviana Fernandes. O grupo ficou na mesmice da música baiana o tempo todo, conseguindo animar os menos exigentes que mais pareciam estar ali para comemorar a conquista da Copa do Mundo no Japão. Até que chegou a vez de O Rappa soltar aquelas pauleiras todas, de

O festival Viva Afro-Brasil, que ocorre anualmente na encantadora cidade do poeta Hölderlin, em Tübingen, escancarou mais uma vez janelas e portas para o som Brasil na Alemanha. A décima-sétima edição do evento capitaneado por Winfried Kast e pela brasileira Elisabeth Maria Corsetti rolou nos dias 20 e 21 de julho, trazendo nomes como Fernanda Abreu, Zeca Baleiro, O Rappa, Harmonia do Samba e a Banda Papa-Léguas. Cerca de quatro mil espectadores vindos de todos os cantos do país (a metade deles de brasileiros) pularam e cantaram atiçados por muito samba, baião, reggae, funk e rock, sem se deixarem abalar pela ausência de duas atrações programadas pelo pessoal da Zentrum Zoo: o Cidade Negra, que justificou o cancelamento de seu concerto em virtude de doença contraída por um de seus integrantes, e o Maracatu Nação Pernambuco, descartado na reta final por causa de uma equivocada previsão meteorológica, que anunciava mau tempo para o festival. O que se viu, no entanto, foi o sol reinando generosamente durante os dois dias, depois de uma semana inteira de muita chuva desabando sobre a Alemanha.



Homem Amarelo, Ilê Ayê e A Feira, até Me Deixa, Tumulto, dentre outras, citando aqui e ali trechos de canções afinadas com a filosofia do grupo, como em O Homem da Gravata Florida, clássico de Jorge Ben. E pronto, lá estava a platéia totalmente de quatro, surpresa com a sonzeira dos músicos cariocas. Após o grande show da banda de Marcelo Yuka, entraram os rapazes do Harmonia do Samba que não comprometeram o clima festivo do sábado.

No domingo houve menos público, apesar da qualidade dos artistas programados ser infinitamente superior ao do dia anterior. O Rappa voltou ao palco do festival recorrendo a faixas do primeiro disco de 1994, tocando também lances como Eu Quero Ver Gol, do álbum Rappa-Múndi, lançado dois anos depois. O baterista e letrista Yuka continuava fora de campo, bem longe dali, numa casa da Tijuca, mas a sua banda não poupou energia, com Falcão, Lauro Farias, os irmãos Marcelo e Marcos Lobato, Xandão & Co. tendo atuação brilhante, com direito ao DJ fazendo scratches memoráveis de Jesus Cristo, do repertório de Roberto Carlos.

O segundo da tarde (sim, os concertos começaram às 16:30 para que a maior parte do público pudesse voltar às suas cidades após o encerramento do festival) foi Zeca Baleiro. O maranhense começou pegando pesado nas guitarras em Heavy Metal do Senhor, enveredando depois por títulos como Mamãe Oxum e Pedra de Resposta – ambas de Zeca e Chico César –, mais Pagode Russo, de Luiz Gonzaga e João Silva, Bandeira e Dodói. Zeca ganhou o público desde o primeiro momento, fazendo-se acompanhar por um grupo onde se destacavam a feroz percussão de Simone Soul e o cello de Lui Coimbra. O auge de seu concerto foi em Piercing, com a massa toda pulando feito pipoca naquele refrão adaptado por Zeca de Flor e Espinho, de autoria de Guilherme de Brito, Nelson Cavaquinho e Alcides Caminha. Ao terminar o show, Zeca Baleiro deixou o palco visivelmente entusiasmado com o resultado da apresentação.

Quem já tinha tido a oportunidade de assistir Fernanda Abreu ao vivo, sabia que a ex-cantora da Blitz iria deitar e rolar em Tübingen assim que ela abrisse sua lata cheia dos swings. “Ela é a Madonna do Brasil”, comentou uma alemãzinha que se acabava na fila do



gargarejo. Fernandinha estava mesmo em noite muito inspirada, interpretando Rio 40 Graus, Brasil é O País do Suingue, Um Dia Não, Outro Sim, dentre muitas outras. Ela aproveitou o fato de parte da platéia não falar o português para encarnar na seleção que perdeu a copa para o Brasil: „não deu nem pra saída, né Alemanha?!” Aplaudida calorosamente pelo público, que

exigiu a volta dela ao palco para um bis dos mais prolongados, Fernanda Abreu atendeu a pedidos e emplacou uma comovente versão despojada de Aquarela Brasileira, de Silas de Oliveira. O Viva Afro-Brasil de 2002 acabava ali, com muita gente prometendo voltar no ano seguinte para este que é o maior Open-Air da música brasileira na Europa. ■

